

UMA BOA AÇÃO A MITZVAH

ARNOLD GEIER

Era o outono de 1945 e voltei a Viena com as primeiras tropas americanas de ocupação. Estivera lá três meses antes como intérprete de alemão numa missão especial destinada a negociar a divisão da cidade em quatro zonas de aliados, parecido com o que fora feito em Berlim. Eu era fluente em alemão porque, apenas seis anos antes, emigrara de Berlim para os Estados Unidos. Assim que foi possível, me alistei no Exército americano para servir meu novo país e estava orgulhoso em vestir seu uniforme.

Numa sexta-feira à noite, sentindo saudades de casa, dirigi-me à única sinagoga que restara em Viena para assistir à cerimônia. As pessoas que vi ali davam pena. Cerca de cinquenta homens e mulheres, magros e pobremente vestidos. Falavam com sotaque ídiche e presumi que eram remanescentes de prósperas comunidades judaicas da Europa, agora reunidos naquele lugar, separados do resto do mundo. Quando viram meu uniforme americano, todos se reuniram à minha volta para ver um soldado amigo numa sinagoga. Para surpresa geral, eu era capaz de conversar com eles em ídiche fluente.

Enquanto conversávamos, percebi que minhas suspeitas estavam certas. Aquelas pessoas eram sobreviventes do Holocausto, que tinham se reunido na sinagoga para ver se podiam achar alguém, qualquer pessoa, que pudesse dar notícias de um parente ou amigo que também tivesse sobrevivido. Como não havia nenhum correio civilizado da Áustria para o resto do mundo, essas reuniões eram a única esperança para os sobreviventes terem notícias de suas famílias.

Um dos homens timidamente me pediu se eu poderia fazer a gentileza de mandar uma mensagem para um parente na Inglaterra, que ele sabia estar vivo. Eu sabia que o correio militar não é para enviar cartas de civis, mas como podia dizer não? Aquelas pessoas, que literalmente tinham vivido o inferno, precisavam que parentes preocupados soubessem que elas tinham sobrevivido. Quando concordei, todo mundo queria mandar uma mensagem.

Cinquenta mensagens eram muito mais que uma: eu tinha de pensar rápido. Anunciei, então, que voltaria à sinagoga na próxima sexta-feira à noite e receberia mensagens curtas escritas em inglês, alemão ou ídiche, colocadas em envelopes abertos. Se as cartas preenchessem tais requisitos, eu as mandaria pelo correio do Exército.

Na semana seguinte, como prometera, voltei à sinagoga.

Quando abri a porta, fiquei chocado. O lugar estava lotado, cheio de pessoas que correram em minha direção, me estendendo seus envelopes. Eram tantos que tive de pedir a alguém para me arrumar uma caixa para colocá-los. Passei a semana seguinte verificando cada mensagem por razões de segurança, me certificando de que continham apenas o permitido. Então mandei as cartas para o mundo inteiro. Eu me senti maravilhosamente bem em saber que aquelas talvez fossem as primeiras notícias para a maioria daqueles parentes, comunicando que as pessoas que amavam tinham

sobrevivido aos horrores do Holocausto. "Uma boa ação, uma pequena mitzvah" - pensei.

Passou-se cerca de um mês. Aquilo tudo já estava se dissolvendo na minha mente quando o "carteiro" do Exército de repente entrou tropeçando na minha sala, carregado com sacos cheios de pacotes.

O que está acontecendo? - ele perguntou. Os pacotes que ele colocava no chão vinham de todos os lugares, endereçados às pessoas que eu encontrara na sinagoga, aos meus cuidados, cabo Arnold Geier. Eu não esperava esse resultado.

O que devia fazer?

Walter, um colega com quem trabalhara numa equipe de interrogatório, também antigo refugiado da Alemanha, riu quando viu a pilha de cartas.

- Vou ajudar você a distribuir as cartas - se ofereceu.

O que mais podíamos fazer? Eu guardara uma lista dos nomes e endereços das pessoas que tinham me dado mensagens, então pedi um jipe fechado, equipado para o inverno, e o enchi com os pacotes. À noite e pela madrugada, Walter e eu percorremos as ruas de pedra de Viena entregando pacotes para sobreviventes surpresos e agradecidos. A maioria deles vivia na zona soviética da cidade. Tínhamos de entrar naquela área tarde da noite e as patrulhas soviéticas muitas vezes nos paravam, desconfiadas. Mas éramos tecnicamente aliados, de modo que pudemos explicar que estávamos entregando pacotes a sobreviventes do terror nazista e fomos autorizados a entrar, sem problemas.

Os pacotes continuaram a chegar por mais uma semana e o volume de correspondência começou a aborrecer os encarregados do Exército. Continuamos com nossas entregas noturnas por toda Viena, mas eu estava preocupado com o descontrole surgido da minha oferta bem-intencionada.

Finalmente, uma manhã, nosso comandante me chamou ao escritório. Queria saber por que eu estava recebendo tantos pacotes. Sabendo que o oficial era judeu e assim entenderia minha motivação, decidi dizer a verdade. Admiti ter feito mau uso do correio militar para ajudar sobreviventes e fazer uma boa ação tão necessária. Não esperava que meu simples gesto se transformasse naquilo. Ele me advertiu duramente e então sorriu.

- Bem, por essa vez passa - ele disse, me dispensando.

Às vezes me lembro do caminho que minha boa ação tomou.

Sim, eu perderei o controle da situação, mas somente da maneira que acontece com uma verdadeira mitzvah: aumentando e devolvendo o bem realizado, até que tenha preenchido seu propósito.

Eu fui o instrumento escolhido para permitir que famílias ansiosas soubessem que aqueles que amavam estavam vivos.